

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaques: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	2
Título: Curtas.....	2
Título: Neoenergia estreia em alta na bolsa e promete bons resultados	2
Título: Presidente da Iberdrola elogia governo e vê Brasil decolando	4
Título: Destaques	6
Título: Petrobras mantém interesse em sair da Braskem	7
Título: Petróleo tem alta com novo corte da Opep	9
Título: Vendas de etanol no mercado doméstico batem novo recorde	10
Título: Ibovespa tem alta com Vale, mas ação da Petrobras freia ganhos	11
Título: BDMG negocia linha de € 100 milhões.....	13
Título: Light retoma oferta de ações de R\$ 2,1 bilhões	15
Título: Bancos e varejistas lideram indicações	16
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo.....	20
Título: Petrobrás reafirma interesse em venda de fatia na Braskem	20
Título: Estatal deve voltar a investir a partir de 2021	21
Título: Furnas estuda construir três parques solares.....	22
Título: Ações da Neoenergia sobem 8% após estreia na Bolsa	22
Título: CPI sugere punição de ex-chefe da Vale.....	23
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	25
Título: Após três cortes, Petrobras aumenta preço do diesel em 3,9%.....	25
Título: Liquidada	26
VEÍCULO: O Globo	26
Título: Produção de petróleo e gás no país bate recorde histórico em maio	26

Título: Furnas vai deixar sede em Botafogo após 48 anos	27
Título: Relatório de CPI vai pedir o indiciamento da Vale e Tüv Süd	28
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	30
Título: Furnas não quer mais pagar a conta de luz	30

VEÍCULO:	Valor Econômico
Data:	02/07/2019
Seção:	Brasil
Autor:	
Título:	Curtas

Eletrobras

O ministro Bento Albuquerque (Minas e Energia) disse que ainda acredita ser possível que a capitalização da Eletrobras ocorra neste ano. Ele considera que o processo de capitalização está dentro do cronograma, apesar do atraso na divulgação do plano.

VEÍCULO:	Valor Econômico
Data:	02/07/2019
Seção:	Empresas
Autor:	Camila Maia De São Paulo
Título:	Neoenergia estreia em alta na bolsa e promete bons resultados

As ações da Neoenergia fecharam com alta de 8,37% no seu pregão de estreia ontem, a R\$ 16,96, diante da aposta de investidores de que a companhia saiu "barata" quando comparada a outras elétricas na bolsa que tiveram valorização expressiva recentemente. Segundo fontes ouvidas pelo **Valor**, ainda há espaço para valorização no curto prazo. No longo prazo, contudo, a elétrica precisará provar que sua estratégia de alocação de capital, que é alvo de questionamento no mercado, será rentável.

O preço por ação na oferta pública inicial de ações (IPO) foi definido na semana passada em R\$ 15,65, no meio da faixa indicativa de R\$ 14,42 a R\$ 16,89. Com

isso, a operação movimentou R\$ 3,7 bilhões em recursos que foram para o bolso dos acionistas, já que não foram emitidas novas ações. O Banco do Brasil vendeu toda sua participação de 9,35%. A Previ reduziu de 38,2% para 32,9% sua parcela. Enquanto a Iberdrola ficou com 50%. A Neoenergia controla as distribuidoras de energia Elektro, Coelba, Celpe e Cosern, além de ativos de geração e transmissão.

Nesse preço, a Neoenergia acabou ficando barata quando analisada pelo múltiplo preferido de analistas para setores regulados. A relação entre valor de mercado (EV) e a base de ativos regulatórios (RAB) ficou próxima de 1,2 vez, abaixo de companhias vistas como pares da controlada da Iberdrola, como é o caso da EDP Energias do Brasil. Como a remuneração das distribuidoras de energia é diretamente ligada à RAB, esse é considerado o múltiplo ideal para avaliar o setor.

Essa é a segunda tentativa de IPO da companhia. A primeira, em 2017, fracassou depois que os sócios rejeitaram reduzir o preço. Desde então, o cenário mudou, e as ações de energia tiveram forte alta, acompanhando o restante do mercado. Apenas neste ano, o Índice de Energia Elétrica (IEE) da B3 acumula alta de 29,8%. "O setor ficou caro da perspectiva de múltiplo e vimos a Neoenergia como empresa de qualidade média, mas a preço barato", disse um gestor, que pediu para não ser identificado.

Também conta à favor da Neoenergia a perspectiva de solução do risco hidrológico (medido pelo fator GSF, na sigla em inglês). A questão é fundamental para permitir a venda da hidrelétrica de Belo Monte, na qual a Neoenergia tem uma fatia de 10%. "Sem o acordo do GSF, a usina fica invendável", disse outro gestor.

Em discurso feito na B3 antes do toque de campainha que marcou a estreia das ações, o presidente da companhia, Mario-Ruiz Tagle, disse que a operação demonstrou "a confiança do mercado de capitais na gestão da Neoenergia". Ele lembrou que a empresa tem em curso um "expressivo" plano de investimentos, o que "sinaliza nosso otimismo com o crescimento do setor de energia no Brasil". Serão R\$ 30 bilhões investidos entre 2018 e 2022 no país, incluindo setores de distribuição, transmissão e geração de energia renovável.

Questionado sobre as críticas de agentes do mercado à estratégia de alocação de capital da empresa, Tagle garantiu que os investimentos feitos nos últimos anos vão gerar resultados positivos e rentáveis no futuro próximo. "Temos que aceitar críticas construtivas, mas somos uma companhia disciplinada", disse, em conversa com jornalistas depois da cerimônia.

A Neoenergia foi alvo de questionamentos por investidores depois de protagonizar, com a italiana Enel, uma disputa agressiva pelo controle da Eletropaulo. A empresa também deu lances com deságios expressivos em leilões de transmissão. "Somos uma empresa com foco em resultado e rentabilidade. Daqui a pouco vamos começar a entregar projetos que, sem dúvida, vão trazer grande rentabilidade", disse.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 02/07/2019

Seção: Empresas

Autor: Ian Mount | Financial Times, de Madri

Título: Presidente da Iberdrola elogia governo e vê Brasil decolando

A oferta pública inicial de ações da Neoenergia simboliza as aspirações favoráveis ao mercado do governo do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, segundo Ignacio Galán, presidente do conselho de administração e executivo-chefe da espanhola Iberdrola. O grupo espanhol controla a elétrica brasileira.

Comentando a maior oferta inicial de ações brasileira na administração Bolsonaro, Galán, disse que o governo "tem a intenção de mudar a economia completamente." "Eles estão muito satisfeitos com nosso empreendimento conjunto entre uma empresa estatal e uma privada porque estamos trazendo talentos juntamente com recursos. Eles gostam desse modelo", afirmou o executivo.

Na operação de ontem, a Neoenergia levantou cerca de R\$ 3,26 bilhões, a um valor de R\$ 15,65 por ação, dentro da faixa indicativa prévia, de R\$ 14,42 a R\$ 16,89, o que conferiu à empresa um valor de mercado de US\$ 4,9 bilhões.

"O país está decolando desde a chegada do novo governo", disse Galán. "Isso significa mais necessidade de investimento, mais expansão, mais geração de energia."

O analista Jorge Guimarães, da JB Capital Markets, concorda. "No Brasil, o regulador de energia sempre foi bastante favorável ao mercado, mesmo em governos anteriores, e isso não mudou. Mas agora você tem um governo mais favorável aos mercados."

A atual formação da Neoenergia, com controle do grupo espanhol, foi fechada em 2017. Naquele ano, a Iberdrola incluiu a Elektro, distribuidora com atuação em São Paulo e Mato Grosso do Sul, na então Neoenergia formada por três concessionárias públicas brasileiras compradas em leilões de privatização em sociedade com o Banco do Brasil e a Previ. A Neoenergia atende cerca de 34 milhões de pessoas, cerca de 20% da população do país.

Ontem, a Iberdrola vendeu 29,7 milhões de ações, ficando com participação de 50%. O Banco do Brasil vendeu toda sua participação, de 9,3%, e a Previ, maior fundo de pensão do Brasil, vendeu 64,9 milhões de ações, ficando com participação de 32,4%.

Esta não é a primeira vez em que a Iberdrola tentou abrir o capital da Neoenergia. Como parte do acordo de fusão de 2017, a Iberdrola fez a solicitação para fazer a oferta inicial da empresa no fim de 2017, mas desistiu depois que os preços aventados ficaram abaixo das expectativas.

"Insisti que dezembro não era precisamente o mês para lançar uma oferta inicial, mas os sócios disseram 'vamos tentar'", disse Galán, "Fizemos e fracassamos. Os gestores de fundos já haviam fechado seus portfólios, então, eles não iam fazer nada."

A Iberdrola, então, tentou expandir a base da Neoenergia em São Paulo por meio da compra da Eletropaulo, mas perdeu uma guerra de ofertas contra a estatal de energia italiana Enel.

Galán disse que depois desses dois contratempos as operações da Neoenergia melhoraram. A demanda em suas áreas de transmissão cresceu 5% durante o primeiro trimestre de 2019 em comparação ao mesmo período do ano anterior, enquanto a receita subiu 10,7%, para € 1,47 bilhão, nas linhas de transmissão.

Apesar do sucesso da oferta inicial de ações, analistas acreditam que dificilmente a Iberdrola teria aberto o capital da Neoenergia se não fossem as demandas dos sócios locais.

Lidar com as exigências burocráticas de divulgação de balanços de uma empresa de capital aberto, que representa uma parte tão pequena de seus negócios, era "desconfortável" e "não valia a pena", segundo o analista Fernando Lafuente, da Alantra Equities, em Madri.

Lafuente, no entanto, acrescentou que a abertura de capital oferece à Neoenergia uma moeda para aquisições. "Permite que use suas ações para realizar fusões e aquisições, o que eles fizeram com a Avangrid", disse o analista, referindo-se a outra subsidiária de capital aberto da Iberdrola.

Por sua vez, Galán disse que o atual plano da Neoenergia é baseado em crescimento orgânico com fontes renováveis e leilões de distribuição. "[Mas] como qualquer companhia, sempre olharemos possíveis oportunidades", acrescentou. A Iberdrola planeja investir de R\$ 25 bilhões a R\$ 30 bilhões no Brasil até 2022.

Em seu mercado doméstico, a Espanha, que também é o seu maior, a Iberdrola pretende continuar investindo na área de fontes renováveis, incluindo um aporte de € 300 milhões no projeto Francisco Pizarro, de 590 MW, em Extremadura, que segundo a empresa será a maior usina solar fotovoltaica da Europa.

A Iberdrola havia anunciado anteriormente que iria concluir projetos de fontes renováveis de 3 mil MW, o suficiente para abastecer cerca de 2,1 milhões de residências, até 2022, mas a empresa conseguiu acelerar o andamento e provavelmente chegará a 4 mil MW, segundo Galán.

Embora o Brexit traga mais incertezas para a Iberdrola, que obtém cerca de 18% de sua receita anual no Reino Unido, Galán não dá muito crédito aos planos do líder opositor Jeremy Corbyn de estatizar as redes de eletricidade a preços inferiores aos do mercado caso ganhe o poder.

"O mesmo aconteceu na Bolívia, na Guatemala, em países sérios como esses", afirmou Galán, descartando a possibilidade. "Acho que sabemos como viver nesses ambientes. De qualquer forma, segundo alguns advogados na Grã-Bretanha, não há muita chance de que isso aconteça", disse.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 02/07/2019

Seção: Empresas

Autor:

Título: Destaques

BR faz pré-pagamento

A BR Distribuidora informou ontem que realizou, na sexta-feira, o pré-pagamento de R\$ 423 milhões relativo aos Termos de Compromissos Financeiros (TCFs) do acordo firmado com a Petros, o fundo de pensão dos funcionários da Petrobras, a própria Petrobras e diversas entidades sindicais, em 2006, para buscar uma solução para o reequilíbrio do Plano Petros (plano de pensão do Sistema Petrobras). Segundo a companhia, os TCFs previam o pagamento da dívida total até 2028, com a correção dos valores sendo feita pelo IPCA acrescido de uma taxa de 6% ao ano. O saldo atualizado dos termos, relativo à parcela da BR Distribuidora, é de R\$ 423 milhões. "Dentro do processo de gestão de dívidas da companhia, o pré-pagamento dos TCFs mostrou-se uma alternativa vantajosa, em face do custo médio ponderado das dívidas, a situação

atual de caixa e o custo marginal de captação em patamares inferiores aos implícitos naqueles instrumentos", diz trecho do comunicado da empresa.

Minério acima dos US\$ 120

Os preços do minério de ferro negociado no porto de Qingdao tiveram forte alta de 4,4%, no pregão de ontem, fechando cotados a US\$ 123,65 a tonelada. É a maior cotação desde 19 de fevereiro de 2014, quando fechou a US\$ 123,93 a tonelada no mercado à vista chinês. A cotação refere-se ao produto com pureza de 62% de ferro, informa a publicação especializada "Fastmarkets MB". A alta é fruto de movimentos de preços baseados na atividade do mercado à vista, informa a publicação. Com a alta de ontem, o minério acumula valorização de 71,6% no ano, puxado pelos problemas de oferta da Vale, após o desastre da barragem de Brumadinho, bem como de minas australianas da Rio Tinto e BHP.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 02/07/2019

Seção: Empresas

Autor: André Ramalho | Do Rio

Título: Petrobras mantém interesse em sair da Braskem

O presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, disse que a companhia mantém os planos de se desfazer da Braskem, mesmo após a LyondellBasell encerrar as negociações com a Odebrecht para compra da petroquímica. O executivo sinalizou, contudo, que a petroleira segue interessada no setor, no longo prazo, e que a estatal poderá voltar a investir no negócio de petroquímica no futuro, como parte de uma estratégia de integração com suas refinarias.

"Possivelmente no futuro vamos estudar a integração dessas refinarias com operações petroquímicas", afirmou Castello Branco, ontem, durante evento promovido pelo Grupo de Líderes Empresariais (Lide), no Rio.

O executivo ponderou, no entanto, que o assunto ainda não foi objeto de uma discussão aprofundada e está hoje apenas no campo das ideias. Uma futura integração dos negócios de petroquímica e refino, porém, não muda em nada a decisão da Petrobras de vender sua fatia na Braskem. "[A Braskem] é um investimento financeiro que não faz nenhum sentido", disse.

A Odebrecht possui 38% do capital total da Braskem, enquanto a Petrobras detém 36%. A petroleira aguardava os avanços das negociações entre a Odebrecht e LyondellBasell para avaliar se acompanharia ou não o movimento de sua sócia de vender o ativo. A negociação sofreu um revés recente, com o anúncio da recuperação judicial da Odebrecht. Como os papéis detidos pela

construtora na petroquímica foram usados como garantia para credores, uma venda conjunta dos papéis da Petrobras e da empreiteira para um potencial comprador tornou-se mais difícil.

A discussão sobre o futuro da Petrobras na petroquímica já passou por idas e vindas. Em 2017, na gestão Pedro Parente, a Petrobras manifestou a intenção de sair integralmente do setor, mas depois a empresa voltou atrás da estratégia, ao incorporar a área como atividade integrada ao refino dentro de seu novo plano de negócios - lançado ao fim da gestão Ivan Monteiro, em 2018. Ao assumir o comando da estatal, no início deste ano, Castello Branco reiterou o desejo de vender a Braskem.

Ainda sobre o programa de desinvestimentos da Petrobras, o executivo destacou ontem que a petroleira tem a intenção de sair integralmente do transporte e distribuição de gás natural e que espera abrir formalmente, entre fim deste mês e início de agosto, o processo de venda de mais quatro refinarias, do pacote de oito unidades que a empresa pretende vender. Na sexta-feira, a Petrobras iniciou formalmente o processo de desinvestimentos da RNEST (PE), RLAM (BA), REPAR (PR) e REFAP (RS). As próximas unidades a serem colocadas à venda serão a REGAP (MG), REMAN (AM), SIX (PR) e LUBNOR (CE). A previsão é concluir a venda das oito unidades em até dois anos.

Castello Branco afirmou que existem interessados potenciais nas unidades. O interesse, porém, só será efetivamente confirmado daqui para frente, com o início formal do processo de desinvestimentos. "As 'majors' [grandes petroleiras globais] não estão interessadas, sabemos disso... Mas existem outros 'players' que já demonstraram interesse superficial e agora vamos ver um interesse efetivo dos compradores", afirmou.

A venda das refinarias, segundo seu presidente, ajudará a Petrobras a reduzir riscos. E destacou que, entre 2002 e 2018, a companhia acumulou perdas de R\$ 160 bilhões com a ingerência na sua política de preços.

Castello Branco chamou de "lamentável" a decisão da Associação Brasileira de Importadores de Combustíveis (Abicom), que na semana passada protocolou embargos de declaração no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) contra o termo celebrado entre a petroleira e o órgão antitruste, segundo o qual a estatal se compromete a vender oito das suas 13 refinarias. O acordo suspende a investigação que apurava supostos abusos de poder econômico praticados pela Petrobras.

"Parece que essas empresas privadas não querem privatização, que elas querem que a Petrobras continue como velho monopolista, colocando preços altos", afirmou Castello Branco.

Em resposta, a Abicom esclareceu que é favorável à venda das refinarias, mas que não concorda que os processos de investigação de práticas predatórias por parte da estatal sejam arquivados.

Sobre os ativos internacionais, Castello Branco disse que a Petrobras está conversando com o governo uruguaio para devolver "o mais rápido possível" as duas concessões de distribuição de gás natural que detém no país vizinho. "Até podemos fazer isso [voltar a investir no exterior] no futuro, mas depois de reforçarmos bastante nossas bases no Brasil", disse.

Durante seu discurso, o executivo saiu em defesa do ministro da Justiça, Sérgio Moro. Em meio às repercussões dos vazamentos de diálogos do ministro com membros da força-tarefa da Lava-Jato, Castello Branco disse que Moro e os procuradores devem ser encarados como "heróis" que ajudaram a "descobrir e punir" a organização criminosa que "saquearam" a Petrobras. "Vejo hoje algumas pessoas com inclinação criminosa tentando denegrir a imagem desses profissionais que devem ser considerados heróis", disse.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 02/07/2019

Seção: Empresas

Autor: Agências internacionais

Título: Petróleo tem alta com novo corte da Opep

Os contratos futuros do petróleo fecharam em alta ontem, impulsionados pelo anúncio de que a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) e seus aliados vão prorrogar o acordo de corte de produção por mais nove meses, até o primeiro trimestre do ano que vem. O acordo que expirou no domingo estabelecia uma redução de 1,2 milhão de barris de petróleo por dia.

Referência mundial, o contrato do petróleo Brent para setembro avançou 0,49%, a US\$ 65,06 na ICE, em Londres. Já o WTI para agosto fechou em alta de 1,06%, a US\$ 59,09 por barril, na Bolsa de Mercadorias de Nova York.

Os 14 países membros da Opep se reuniram no domingo e debateram maneiras para equilibrar o mercado global de petróleo. O grupo se reunirá novamente hoje com os dez países aliados, liderados pela Rússia, para formalizar o acordo.

No último fim de semana, o presidente russo, Vladimir Putin, já havia adiantado na cúpula dos líderes do G-20, realizado no Japão, que a Rússia e a Arábia Saudita tinham chegado a um acordo. O que acabou confirmado ontem. O ministro da Energia da Arábia Saudita, Khalid al-Falih, apoiou os comentários de Putin sobre suas próprias declarações feitas no domingo.

Apesar das tensões geopolíticas no Oriente Médio, que ameaçam a oferta global, os preços têm sido contidos pelos temores globais em torno da desaceleração econômica mundial.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 02/07/2019

Seção: Agronegócios

Autor: Camila Souza Ramos | De São Paulo

Título: Vendas de etanol no mercado doméstico batem novo recorde

As vendas de etanol hidratado (usado diretamente nos tanques dos veículos) realizadas pelas distribuidoras aos postos de combustíveis alcançaram em maio o maior volume da história para o mês. De acordo com informações da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), foram 1,87 bilhão de litros, um aumento de 42% na comparação com maio de 2018, quando demanda interna já estava aquecida.

Nos primeiros cinco meses de 2019, foram comercializados 9,03 bilhões de litros de etanol hidratado, 36,9% mais que no mesmo período do ano passado, de acordo com os dados da ANP.

Nesse ritmo, as vendas do biocombustível, que compete com a gasolina, poderão chegar a cerca de 26 bilhões de litros até o fim do ano. E, se o consumo de gasolina C (vendida nos postos, com 27,5% de etanol anidro misturado) também seguir a tendência observada até maio passado, as vendas totais de etanol poderão se aproximar do patamar de 36 bilhões de litros.

O crescimento do consumo de etanol hidratado continua ocorrendo sobre o mercado da gasolina. Em maio, os preços do combustível fóssil mudaram pouco de patamar nos postos localizados nos principais centros consumidores do país, enquanto o etanol vem registrando forte queda com o avanço da moagem de cana no Centro-Sul do país e a preferência das usinas em produzir o biocombustível em detrimento do açúcar.

Mesmo na última entressafra da região, os preços do hidratado se mantiveram abaixo de 70% do valor da gasolina nos postos de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. O etanol perde vantagem econômica para a média da frota flex brasileira quando a relação está acima de 70%. No Paraná, a correlação caiu abaixo de 70% na segunda semana de maio.

Abrigando cerca de metade do consumo nacional, São Paulo registrou vendas de 977,5 milhões de litros de etanol hidratado em maio, 38% mais que no mesmo mês de 2018. As vendas no Estado já acumularam 4,69 bilhões de litros no ano, um aumento de 33%.

Em maio, o preço do etanol ficou em média 65% da gasolina nos postos paulistas. E, em junho, o litro do biocombustível encerrou o mês valendo 62% do valor da gasolina, de acordo com o último levantamento semanal de preços da ANP.

Segundo principal mercado de combustíveis do país, Minas teve vendas de 258,3 milhões de litros de etanol hidratado em maio, avanço de 68%. No ano, o crescimento foi de 58,4%, para 1,2 bilhão de litros.

A comercialização de etanol tem apresentado crescimento vertiginoso também em Mato Grosso, onde a demanda tem sido abastecida cada vez mais pelas usinas de etanol à base de milho. No mês de maio, as vendas de etanol hidratado cresceram 40% na comparação anual, para 81,6 milhões de litros.

As vendas de maio foram as maiores da história de Mato Grosso, superando o último recorde, alcançado em outubro de 2018 (81 milhões de litros). Neste ano, já são 390,4 milhões de litros de hidratado vendidos aos postos mato-grossenses, um aumento de 23,5%.

No mercado mato-grossense, o etanol está mais competitivo que a gasolina há mais de um ano. A última vez em que seu preço superou 70% do valor da gasolina nos postos foi na segunda semana de abril de 2018. Em maio, o percentual ficou em 58%.

No Paraná, as vendas cresceram 36% em maio, para 146,6 milhões de litros. O biocombustível só ficou economicamente mais vantajoso do que a gasolina nos postos paranaenses na segunda metade de maio. Em média, o preço do biocombustível em maio ficou em 70% do valor do fóssil no Estado.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 02/07/2019

Seção: Finanças

Autor: Juliana Machado e Ana Carolina Neira | De São Paulo

Título: Ibovespa tem alta com Vale, mas ação da Petrobras freia ganhos

A disparada dos preços do minério de ferro e a trégua comercial entre China e Estados Unidos colocaram as ações da Vale em evidência ontem, mas o desempenho forte da mineradora não foi o bastante para impulsionar mais o Ibovespa, que viu na Petrobras e nos bancos um limite para os ganhos. Fica agora a expectativa para a retomada dos trabalhos em torno da reforma da Previdência hoje, quando o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), deve se encontrar com governadores para tecer mais apoio ao projeto.

Na máxima intradiária, o Ibovespa chegou a tocar os 102.432 pontos - o recorde intradiário do dia 24 de junho foi de 102.617 pontos. No fim do dia, porém, o índice subiu bem menos: 0,37%, aos 101.340 pontos.

Com a perda de força do petróleo durante a tarde, as ações da Petrobras também reduziram o passo. Assim, no setor de commodities, quem sustentou a alta foi a Vale, em conjunto com as siderúrgicas, acompanhando o avanço forte do minério de ferro, de mais de 4% na China. As perspectivas globais melhores após a trégua comercial entre China e Estados Unidos no encontro do G-20, no fim de semana, também deram embalo às apostas.

No exterior, o petróleo Brent e o WTI subiram no fim do dia, mas com uma performance pior do que o que foi visto pela manhã, quando a alta superou os 2%. Logo que o petróleo perdeu fôlego, a Petrobras passou a cair: a ON terminou o dia com baixa de 0,33%, enquanto a PN cedeu 0,55% - a ON chegou a avançar 2,1% e a PN subiu até 2,26% no começo do dia.

Nos destaques setoriais, os frigoríficos lideraram os ganhos do dia: BRF subiu 8,67% e JBS ganhou 5,51%. Segundo um analista de um grande banco de investimento, os dois papéis são de exportadoras de proteína animal, segmento que tem mais a ganhar com o acordo recentemente fechado entre os blocos comerciais Mercosul e União Europeia (UE).

"São os papéis que mais terão a ganhar no acordo Mercosul-UE e que também seguem o ritmo de aumento na liquidez global, com a trégua comercial obtida entre Estados Unidos e China no fim de semana, depois do encontro do G-20", afirma Luis Sales, analista da Guide Investimentos.

Também na ponta positiva, a Vale ON, uma das ações de maior peso e liquidez no Ibovespa, foi destaque, com ganho de 3,53%. No mesmo sentido ficou a CSN (1,68%), a siderúrgica mais exposta ao setor de minério de ferro na comparação com Gerdau (-1,12%) e Usiminas (-0,67%).

As ações da CSN já subiram 100,3% no ano. É a única ação do Ibovespa a ultrapassar uma valorização dessa até agora, que representa, em valor de mercado, um ganho de R\$ 11,2 bilhões em 2019. Hoje, o valor de mercado da

empresa, em bolsa, é de R\$ 23,5 bilhões. A valorização é a maior entre as demais siderúrgicas da bolsa. A Gerdau ganhou pouco mais de R\$ 500 milhões em valor de mercado no ano, enquanto a Usiminas teve uma perda de R\$ 1,6 bilhão no período.

A performance é resultado do bom momento que vive a CSN, que desde o começo de 2019 agrada investidores ao manter o foco na desalavancagem e controle de gastos. Como é uma das siderúrgicas mais expostas ao minério de ferro, ela também se beneficia da valorização da commodity, que já é cotada acima dos US\$ 120 a tonelada.

Quem teve o papel e já se desfez da posição considera que a valorização da CSN pode ter "esticado" muito o preço até agora e que a ação vem se antecipando à melhora esperada do balanço, mas que é bastante frágil. "Acredito que ela tenha ido muito além dos fundamentos", diz um gestor que prefere não ter a identidade revelada.

Diretamente ligada à dinâmica do minério de ferro, a Vale garantiu um crescimento de valor de mercado de R\$ 14 bilhões no ano, para R\$ 283,5 bilhões. Em percentual, isso se traduz em alta acumulada de 5,3% em 2019 até hoje - um ganho muito menor na comparação com outras siderúrgicas globais, como BHP e Rio Tinto, com altas de 25% e 35% no ano, respectivamente.

"A cotação atual não reflete a 'explosão' de preço do minério de ferro, então vejo potencial de alta", afirma Ivan Kraiser, gestor da Garín Investimentos. Ele não detém exposição em CSN.

Segundo Luiz Fernando Alves Junior, gestor e fundador da Versa Asset, a situação da CSN é mais sensível porque a companhia ainda é endividada e, portanto, é fundamental que haja sustentabilidade de preços tanto do minério, quanto do aço. Nesse caso, o investimento na Vale parece mais certo com a commodity em vista do que em CSN.

"Ninguém acredita que o minério vai ficar onde está, provavelmente ele sofrerá uma queda. Mas, colocando no modelo de cálculo o valor do minério, para que a Vale esteja próxima do preço histórico, o minério precisa estar cotado acima de US\$ 65 a tonelada. Ele está acima de US\$ 100. Então a Vale deveria estar 30% e 40% acima do preço atual", diz.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 02/07/2019

Seção: Finanças

Autor: Marcos de Moura e Souza | De Belo Horizonte

Título: BDMG negocia linha de € 100 milhões

O Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) negocia uma linha de crédito de mais de € 100 milhões com o Banco Europeu de Investimento (EIB, na sigla em inglês). O objetivo é atender prioritariamente a projetos relacionados a energia limpa e sustentabilidade.

No cargo há dois meses, o novo presidente do BDMG, Sérgio Gusmão Suchodolski, retomou negociações com o banco europeu que haviam sido suspensas em 2016. Uma vez concretizada a operação, será a primeira vez que o EIB concederá uma linha de crédito a banco de Minas Gerais.

"O EIB é o banco de investimento da União Europeia, sediado em Luxemburgo, e um dos maiores multilaterais do mundo", disse Suchodolski ao **Valor**, em sua primeira entrevista desde que assumiu a direção do BDMG.

"O EIB é o maior emissor de 'green bonds' e nós devemos ter uma linha com eles destinada a sustentabilidade, energia renovável, eficiência energética, que são áreas muito atraentes aqui em Minas." O executivo apresentou um pipeline de projetos privados nessas áreas no Estado ao departamento de América Latina do EIB e está otimista em relação à operação.

"Eles se interessaram e deverão fazer essa linha conosco. Está próximo, estamos falando de algumas semanas [para formalização do crédito]", disse.

Aos 40 anos, Suchodolski passou em um processo de seleção e foi convidado a assumir o comando do BDMG pelo novo governador de Minas, Romeu Zema (Novo). Ele já havia atuado em outros dois bancos de desenvolvimento, o BNDES e o Novo Banco de Desenvolvimento, apelidado de Banco dos Brics, com sede em Xangai.

Na próxima semana, ele volta à China para encontros com executivos do Banco de Desenvolvimento da China e do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura. Na pauta, possíveis linhas de crédito para o BDMG, para empresas chinesas que operam em Minas.

O banco mineiro tem um histórico de captação de recursos externos, com instituições com apetite para negócios variados, entre elas a Agência Francesa de Fomento e o Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF). Com a CAF, o BDMG fez um desembolso total de uma linha de US\$ 100 milhões que havia contratado. "Estamos em conversas para renovar, ainda não tenho valor fixo", disse Suchodolski.

"Nós somos um banco regional, estamos olhando quais são as oportunidades para este Estado que é imenso, com uma economia diversificada", disse.

O BDMG é controlado pelo Estado de Minas Gerais. Apesar da situação fiscal altamente desequilibrada do Estado, o banco não é economicamente dependente de recursos públicos. O banco roda suas operações com base em captações no mercado nacional e internacional.

Suchodolski formou uma equipe de diretores e conselheiros com experiência de mercado. No ano passado, o BDMG concedeu R\$ 1,28 bilhão em empréstimos.

Seus clientes são principalmente empresas privadas, muitas delas micro e pequenas. Uma fatia dos recursos está nas mãos de empresas que atuam com inovação; uma fatia também financia pequenas centrais hidrelétricas, plantas de energia solar e de biocombustível. Prefeituras também se financiam junto ao banco em projetos de infraestrutura, assim como o agronegócio.

A nova gestão pretende reforçar suas operações com negócios em inovação e sustentabilidade.

Para 2019, a previsão da nova direção do BDMG é ampliar o volume de crédito entre 10% e 15%. O valor ainda precisa do aval do conselho administrativo. Nos primeiros cinco meses do ano, o volume de repasses para prefeituras teve um aumento de 50% em relação ao mesmo período do ano passado, chegando a R\$ 48,2 milhões.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 02/07/2019

Seção: Finanças

Autor: Maria Luíza Filgueiras e Flávia Furlan | De São Paulo

Título: Light retoma oferta de ações de R\$ 2,1 bilhões

A distribuidora de energia Light está retomando seu processo de oferta subsequente de ações (follow-on), apurou o **Valor**. A companhia pretende comunicar nesta terça-feira, até o fim do dia, o início do processo, disseram duas fontes.

A oferta deve movimentar R\$ 2,1 bilhões, sendo que 90% disso será captação primária e apenas 10% secundária. A Cemig, principal acionista, bateu o martelo ontem à noite sobre os percentuais de distribuição - até o período da tarde ainda cogitava um percentual um pouco maior na venda secundária, conforme uma fonte, mas preferiu concentrar a captação de recursos para o caixa da empresa.

A venda secundária é uma fatia pequena da participação total da Cemig. A Cemig tem 49,99% da Light - o BNDESPar tem 9,39% e o restante está em circulação no mercado. A Light vale em bolsa, atualmente, R\$ 3,84 bilhões. Desde outubro do ano passado, quando a companhia contratou os bancos e ensaiou vir a mercado, as ações valorizaram 15,4%.

A companhia manteve o sindicato de bancos contratado no ano passado, formado por Itaú BBA, Santander, Bradesco BBI, Citi, XP Investimentos e Banco do Brasil. Além disso, adicionou agora o banco BTG Pactual, apurou o **Valor**, totalizando sete instituições.

No primeiro trimestre, a companhia mostrou números melhores de desempenho em relação ao início de 2018. O lucro foi de R\$ 164 milhões, alta de 77% no período, e a receita subiu 11,8%. No entanto, o endividamento continua subindo - no trimestre, fechou em 3,7 vezes o Ebitda, sendo que seu limite contratual de dívida é de 3,75 vezes.

Em junho, foram duas ofertas de ações do setor de energia - a oferta inicial (IPO) da Neoenergia, que estreou ontem na B3, e o "re-IPO" da CPFL Energia.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 02/07/2019

Seção: Finanças

Autor: Nathália Larghi e Julia Lewgoy | De São Paulo

Título: Bancos e varejistas lideram indicações

Apesar de a Petrobras se manter na liderança das ações mais indicadas para a **Carteira Valor** pelo nono mês consecutivo, um dos destaques da lista do mês de julho é o setor financeiro. Depois de o índice Ibovespa registrar 100 mil pontos na semana passada, tanto as ações da própria bolsa como as de três dos cinco principais bancos de varejo do país aparecem na seleção: Bradesco, Banco do Brasil e Itaú.

Além da perspectiva de maior movimentação no mercado financeiro, a expectativa de melhora da economia motivou as escolhas, já que na visão dos analistas os bancos tendem a se beneficiar do aumento do emprego e da volta do consumo. A perspectiva de retomada norteou ainda as escolhas de ações que se beneficiam diretamente dessa reação, como Pão de Açúcar e Lojas Renner.

Os resultados positivos apresentados no primeiro trimestre e a expectativa de que se repitam no segundo trimestre também seguem no radar dos analistas. A

Vale segue na seleção mesmo após o rompimento da barragem de Brumadinho devido às boas perspectivas para o preço do minério de ferro.

Já a Gerdau segue entre as preferidas dos analistas porque, apesar da baixa demanda por aço em meio à atividade econômica fraca, as ações ainda são negociadas com desconto. É nessa toada que os analistas também recomendam ações da Rumo, de olho em um possível anúncio do governo de um novo ciclo de projetos de infraestrutura.

Na liderança pelo nono mês seguido, as ações da Petrobras foram indicadas por 10 corretoras das 17 participantes. A estratégia de "desinvestimento" da companhia, que está colocando à venda alguns dos seus ativos, é uma das principais motivações para a escolha, segundo Rafael Passos, analista da Ativa Investimentos.

"A Petrobras vem reposicionando seu portfólio em ativos de maior rentabilidade, com foco na desalavancagem financeira. Além disso, a expectativa de maior volume de produção para este ano, viabilizado pelo 'ramp-up' [construção] das plataformas recém-instaladas, deverão impulsionar margens e geração de caixa operacional em 2019", afirma Passos.

Para Pedro Galdi, analista da Mirae, o desempenho da Petrobras deve mostrar "substancial melhora no médio prazo, considerando a continuidade do processo de vendas de ativos e a finalização da questão da cessão onerosa".

A cessão onerosa deve gerar à Petrobras o valor de US\$ 9,058 bilhões até o fim deste ano. A discussão em questão trata de um contrato firmado em 2010, quando o governo permitiu à estatal explorar 5 bilhões de barris na área do pré-sal. Com a descoberta de um volume maior de petróleo, o governo venderá o excedente localizado.

Além da Petrobras, outra produtora de commodities que aparece na seleção é a Vale, indicada por cinco casas. A escolha foi motivada pelo aumento do preço de minério de ferro após o rompimento da barragem de Brumadinho. O valor do produto aumentou devido à queda na oferta após o acidente.

"Apesar desse fator [Brumadinho] determinar queda das vendas físicas dos produtos, ocorreu uma substancial mudança na relação [entre] oferta e procura por eles no mercado transoceânico, já que com a redução da oferta ocorreu forte alta no preço destes dois produtos", afirma Galdi, da Mirae. Segundo o analista, o preço do minério de ferro saiu de US\$ 65 por tonelada antes do acidente para US\$ 95 por tonelada ao fim do trimestre, o que fez com que o preço médio de venda se situasse em US\$ 82,7 nos primeiros três meses do ano.

"Este substancial aumento de preço acabou minimizando a redução das vendas físicas", afirma.

No setor siderúrgico, a Gerdau se destaca apesar da baixa demanda por aço. As ações da companhia são negociadas com desconto de 25% em relação às concorrentes Usiminas e CSN e abaixo do valor justo, segundo a XP Investimentos.

"O setor é muito dependente da economia doméstica, mas o patamar das ações está muito atrativo neste momento. Esperamos que os resultados acelerem gradualmente, puxados principalmente pela venda de aço para a indústria automobilística", diz Betina Roxo, analista da XP Investimentos.

Estratégia de "desinvestimento" da Petrobras amplia perspectiva de ganhos com ações da empresa

Outra empresa que deve se beneficiar com a aceleração de resultados é a Rumo, do setor de logística. A empresa está na expectativa de que o governo anuncie um novo ciclo de projetos de infraestrutura, que pode favorecê-la. Além disso, o transporte de produtos agrícolas deve crescer por dois motivos. "Esperamos que o volume da safra de milho seja recorde e que, com a peste suína na China, a distribuição de soja no Brasil aumente", diz Luiz Peçanha, analista do Safra.

No setor financeiro, as ações da B3 voltaram à seleção após o Ibovespa registrar 100 mil pontos. Na visão de Rafael Passos, da Ativa, a expectativa do mercado é que os números operacionais continuem com um volume mais forte no segundo trimestre, especialmente de ações e futuros. Para ele, o quadro de juros mais baixos e o momento positivo para renda variável justificam a perspectiva, já que muitos investidores buscarão ganhos mais significativos na bolsa em vez de aplicarem em renda fixa.

"Acreditamos que o volume de negócios deverá continuar a crescer ao longo de 2019. Observamos uma janela bastante positiva do mercado acionário, que tende a favorecer as operações de emissões de ações, e a B3 deve capturar o momento positivo para o mercado de capitais", diz. A expectativa é de 20 a 30 ofertas entre IPOs (abertura de capital) e "follow on" (quando uma companhia põe mais ações à venda) nos próximos 18 meses, o que deve impulsionar os ganhos operacionais da B3.

Entre os preferidos do setor financeiro, estão os papéis do Bradesco, banco favorito da XP Investimentos. Para os analistas da corretora, a instituição está muito exposta à recuperação do ciclo de crédito, puxada principalmente por

pequenas e médias empresas e por pessoas físicas após sofrer com a inadimplência.

"O Bradesco tem um posicionamento mais exposto ao varejo e tem mais espaço para reduzir despesas. Além disso, o preço da ação ainda é negociado com desconto, mesmo com a forte valorização recente, considerando o crescimento de lucros projetado", diz André Martins, analista da XP Investimentos.

A escolha das ações do Banco do Brasil (indicadas por cinco casas) foi baseada no "forte resultado no primeiro trimestre", segundo Galdi, da Mirae. Para o analista, os números superaram as expectativas. "Apesar de ainda apresentar um dos mais baixos retornos sobre patrimônio entre seus pares, conseguiu se destacar na linha do indicador de inadimplência acima de 90 dias", afirma.

O analista também destacou que o novo governo sinalizou que não há interesse em privatizar o banco, mas pretende alienar ativos para torná-lo mais competitivo no setor, o que atrai investidores e pode fazer com que as ações se valorizem ao longo do ano.

A Socopa preferiu as ações do Itaú Unibanco. Segundo Nicolas Takeo, analista da casa, os papéis estão descontados. "Enxergamos um potencial de alta de 12% para a ação em um horizonte de 12 meses", afirma.

Segundo o analista, o banco tem uma "boa capacidade de alavancagem devido aos níveis de liquidez superiores aos exigidos pela autoridade monetária". Ou seja, o banco tem capital suficiente para fazer investimentos.

Com a perspectiva de retomada da economia, os analistas também buscam representantes do varejo que possam aproveitar o cenário mais favorável e a volta do consumo. A escolha da Elite Investimentos, por exemplo, foi para a Lojas Renner. A motivação foram os bons resultados registrados pela companhia no primeiro trimestre deste ano. O lucro líquido foi de R\$ 161,6 milhões, 45% superior ao do mesmo período do ano passado. O Ebitda ajustado somou R\$ 316,3 milhões nos três primeiros meses, cifra 26,8% superior à do mesmo intervalo de 2018.

Na seleção da Socopa para aproveitar a retomada econômica entraram as ações do Grupo Pão de Açúcar. Segundo Nicolas Takeo, analista da corretora, com os indicadores de emprego, renda e confiança do consumidor mostrando melhora, a companhia deve apresentar resultados ainda melhores do que vêm apresentando. O analista ainda afirmou que o papel está com um preço mais baixo do que o que realmente vale, a seu ver, o que representa um potencial de ganho.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 02/07/2019****Seção: Economia****Autor: Fernanda Nunes / RIO****Título: Petrobrás reafirma interesse em venda de fatia na Braskem**

De saída. Para o presidente da estatal, Roberto Castello Branco, petroquímica é "mau negócio" e investimento "que não faz nenhum sentido"; venda da empresa, controlada pela Odebrecht, voltou à estaca zero em junho, após desistência da holandesa LyondellBasell

A empresa petroquímica Braskem é um mau negócio para a Petrobrás, na avaliação do presidente da petroleira, Roberto Castello Branco. A estatal é sócia da Odebrecht na Braskem. Como acionista minoritária, a estatal não enxerga justificativa para continuar a pôr dinheiro no ativo. O plano de vender a participação de 47% no negócio está mantido. Mas isso não quer dizer que a Petrobrás vai abandonar definitivamente o setor. No futuro, poderá agregar funções petroquímicas às suas refinarias. "A Petrobrás tem (apenas) uma participação na Braskem. É um investimento financeiro que não faz nenhum sentido", disse o executivo, após participar de evento promovido pelo grupo de lideranças empresariais Lide, no Rio.

A estatal aguardava o fim das negociações da Odebrecht com a holandesa LyondellBasell para também colocar à venda sua fatia na empresa petroquímica. No mês passado, após quase 16 meses de conversas, a Lyondell anunciou ter desistido do negócio, e a venda da Braskem retornou à fase inicial. Pesou na decisão da companhia holandesa algumas inseguranças jurídicas envolvendo a Odebrecht. A Braskem não faz parte sequer dos estudos da Petrobrás de unir os segmentos petroquímico e de refino num só ativo, segundo Castello Branco. Por enquanto, a união das duas operações é só uma ideia.

"Não existe nada aprovado ou discutido com profundidade". Também não há nada acertado sobre a formação de uma parceria com a chinesa CNPC para ampliar o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj). A sociedade começou a ser analisada ainda no governo de Michel Temer. Mas, na atual gestão, o projeto perdeu força. Até agora, o investimento, exclusivamente da Petrobrás, limita-se à instalação de gasodutos para levar gás do pré-sal a uma unidade de processamento instalada no terreno onde seria erguido o complexo petroquímico, no município de Itaboraí (RJ). Nessas obras, foram gastos US\$ 4 bilhões até agora. Venda. "Estudamos parceria com os chineses, que deve ser concluída em setembro, mas o processo atual é de venda das refinarias", afirmou o presidente da Petrobrás.

Até o início de agosto, a petroleira vai divulgar as condições de venda de um pacote de quatro refinarias. Na semana passada, lançou a campanha de privatização de outras quatro. Ao todo, vai se desfazer de 8 das suas 13 refinarias. Assim, cortará à metade sua produção de derivados de petróleo, que deverá ficar concentrada no Sudeste, onde está concentrado o consumo de combustíveis no País. O esperado é que as privatizações sejam concluídas num prazo de 18 a 24 meses. "Existem compradores potenciais. Houve comentários depreciativos sobre nossas refinarias, mas existem players que já demonstraram interesse superficial e agora vamos ver o interesse efetivo", disse Castello Branco.

Ele rebateu afirmação do deputado federal Fernando Coelho Filho (DEM-PE), ex-ministro de Minas e Energia, que disse que as refinarias têm valor para a Petrobrás, mas pouco valem para outros investidores. Com a venda dessas unidades, a estatal espera evitar a interferência em sua política de preços. "Com a alta do petróleo e dos combustíveis, todo mundo vai bater na porta da Petrobrás para pedir que subsidie preços. De 2012 a 2018, a Petrobrás perdeu R\$ 160 bilhões por conta da ingerência política em seus preços."

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 02/07/2019

Seção: Economia

Autor: Fernanda Nunes / RIO

Título: Estatal deve voltar a investir a partir de 2021

Em dois anos, a Petrobrás vai se transformar numa empresa completamente diferente da que é atualmente, disse o presidente da estatal, Roberto Castello Branco. Segundo ele, o pior momento da crise financeira e de reputação da petroleira ficou para trás. Agora, acredita ele, falta garantir o retorno do capital investido no mesmo patamar de suas competidoras de porte internacional. "A Petrobrás de 2021 deverá investir muito mais do que tem desinvestido nos últimos anos", disse o executivo, em evento do Lide, no Rio.

O foco continuará sendo o pré-sal, mas a empresa também vai aportar dinheiro na revitalização de campos gigantes da Bacia de Campos – ativos que, até a produção no pré-sal ser iniciada, eram a principal fonte de extração de petróleo. Hoje, essas áreas estão em declínio. Para que ganhem sobrevida, devem ser investidos US\$ 21 bilhões. No futuro, a empresa também não estará mais nos segmentos de distribuição e transporte de gás natural. "Não precisamos ser donos dos ativos: precisamos dos serviços desses ativos. Estamos decididos a sair completamente do transporte de gás, assim como da distribuição de gás", enfatizou o presidente da companhia.

Para isso, a companhia quer se desfazer das participações que possui em distribuidoras estaduais por meio da subsidiária Gaspetro e ainda devolver duas concessões no Uruguai. "Vim a descobrir que a Petrobrás é a grande distribuidora de gás do Uruguai, com duas empresas, nas quais em 13 anos fomos forçados a fazer 15 aportes de capital. Pretendemos devolver essas concessões o mais rapidamente possível."

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 02/07/2019

Seção: Economia

Autor:

Título: Furnas estuda construir três parques solares

Depois de ganhar experiência com seu primeiro parque de geração solar para consumo próprio, Furnas planeja entrar na área para atender ao mercado. A empresa tem 43 parques eólicos e estuda a construção de três parques solares no País, todos usando áreas de hidrelétricas próprias. No momento, Furnas mede a irradiação nos lugares em que pretende instalá-los para ver sua viabilidade.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 02/07/2019

Seção: Economia

Autor: FERNANDA GUIMARÃES, LUCIANA COLLET e REUTERS

Título: Ações da Neoenergia sobem 8% após estreia na Bolsa

Operação de chegada ao mercado de capitais serviu como porta de saída do negócio para o Banco do Brasil

A chegada no mercado brasileiro de ações da empresa da Neoenergia, controlada pelo grupo espanhol Iberdrola, foi bem recebida pelos investidores. Com alta de mais de 8% no pregão de estreia, os papéis da companhia fecharam cotados a R\$ 16,96. A companhia realizou o maior IPO (oferta inicial de ações) de uma empresa do setor elétrico na Bolsa paulista ao menos desde 2004, de acordo com informações no site da B3.

"O mercado recebeu muito bem a estreia da Neoenergia na bolsa. Aliado ao bom momento pelo qual passa o setor, os investidores gostaram de que o Banco do Brasil se desfez dos papéis (da companhia)", disse Ilan Arbetman, analista da Ativa Investimentos. Segundo o analista, a queda da taxa de juros contribui para reduzir o custo da dívida da empresa de energia.

A Neoenergia atua desde 1997 no Brasil e controla quatro distribuidoras de energia no País, na Bahia, em Pernambuco, no Rio Grande do Norte e em São Paulo. A empresa também tem negócios em geração, incluindo uma fatia na hidrelétrica de Belo Monte, em Rondônia, além de presença em transmissão e comercialização. No ano passado, a companhia envolveu-se em uma guerra de lances pela aquisição da distribuidora de eletricidade paulista Eletropaulo, uma disputa que acabou com a vitória da italiana Enel, mas mostrou o apetite dos espanhóis da Iberdrola pelo Brasil.

Além de ter permitido a saída completa da BB Investimentos, a abertura de capital também reduziu as participações da Iberdrola (que passou a deter 50% do negócio, mais uma ação) e da Previ, fundo de previdência dos funcionários do BB, que reduziu sua fatia em quase 8 pontos percentuais, para 30,3%.

A saída do Banco do Brasil do controle da Neoenergia, viabilizada pela abertura de capital, não vai afetar a estratégia de crescimento da companhia, disse Mario Ruiz-Tagle, diretor-presidente da Neoenergia, que tem um plano de investimentos estimado em R\$ 30 bilhões para o Brasil entre os anos de 2018 e 2022. Ele lembrou que o negócio está fora da atuação central para um negócio do setor financeiro.

Críticas. Ruiz-Tagle também afirmou que a abertura de capital favorecerá a comunicação com o mercado, permitindo que a Neoenergia explique melhor seus movimentos e teses de investimento. A companhia foi criticada nos últimos anos por sua estratégia de participação em leilões de transmissão, adquirindo projetos com lances questionados pelo mercado.

Ruiz-Tagle afirmou considerar as críticas "injustas". "Somos uma companhia disciplinada, formamos parte de um grande grupo, que é a Iberdrola, e temos disciplina de alocação de capital", ressaltou. "Entendemos a crítica do mercado, porque ele não nos conhece, agora vamos ter abertura comunicacionais mais fluida e ter mais espaço para explicar."

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 02/07/2019

Seção: Política

Autor: Mariana Haubert Amanda Pupo / BRASÍLIA

Título: CPI sugere punição de ex-chefe da Vale

Comissão do Senado pedirá indiciamento de 14 pessoas por desastre em MG; relatório diz que a gestão da empresa estava ciente dos riscos

O relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Senado que investiga as causas do rompimento de uma barragem em Brumadinho (MG) vai sugerir o indiciamento de 14 pessoas, dentre elas o ex-presidente da Vale Fábio Schvartsman, da própria mineradora e da Tüv Süd, empresa alemã responsável por auditar a área. Vale e Schvartsman vão esperar o documento se tornar público para se pronunciar e os demais envolvidos não foram localizados pela reportagem.

Na tragédia de 25 de janeiro, 245 pessoas morreram e outras 25 continuam desaparecidas. No documento, ao qual o Estadão/ Broadcast teve acesso e que deve ser lido na CPI hoje, o relator Carlos Viana (PSD-MG) pede que Schvartsman e outros 11 funcionários da Vale sejam indiciados por homicídio culposo e lesão corporal culposa, além de crimes ambientais. Dois engenheiros da Tüv Süd que atestaram a segurança da barragem da Mina Córrego do Feijão, Makoto Namba e André Jum Yassuda, também podem responder pelos mesmos crimes.

No caso das empresas, o pedido de indiciamento é apenas pelos crimes ambientais, o que inclui a destruição de flora de preservação permanente. Viana pedirá que a comissão encaminhe ao Ministério Público de Minas Gerais os pedidos de indiciamento. A assessoria da Vale informou, por nota, que a empresa "vai aguardar o relatório ser comunicado oficialmente para se pronunciar". O advogado de Schvartsman, Pierpaolo Bottini, disse que não se manifestaria antes de ler o relatório.

A reportagem não conseguiu contato com as assessorias da Tüv Süd e com os demais funcionários ontem à noite. No documento, Viana afirma que a CPI considerou todos os citados como coautores dos crimes, "numa cadeia causal normativa de imperícia, imprudência e negligência". Ele diz ainda que os envolvidos descumpriram o dever de vigilância e cuidado. "Assim, é autor todo aquele que, violando esse dever, dá causa ao resultado." O relatório foi baseado em um conjunto de provas compartilhadas pelo Ministério Público de Minas e pelo MP Federal.

O documento ainda será votado pelos membros da CPI. Segundo Viana, as provas analisadas apontaram para uma linha de investigação que leva a quatro conclusões: 1) a barragem foi "construída e alteada com deficiências de projeto, de execução e de documentação, especialmente em relação ao seu sistema de drenagem"; 2) no intervalo de um ano antes da tragédia, foram detectados diversos sinais de que havia riscos sérios à estabilidade da barragem, que não foram "devidamente avaliados"; 3) os laudos de segurança emitidos por empresas de auditoria contrariaram "as recomendações do painel de especialistas e padrões internacionalmente aceitos; e 4) a gerência e a alta

gestão da Vale estavam "cientes dos riscos da barragem B1 e das medidas que seriam necessárias para aumentar a sua segurança".

Viana também cita que, usando provas documentais, o relatório detalha que um consultor contratado pela Vale, na primeira visita à barragem, fez duas escavações simples, de onde surge água em profusão, "demonstrando que o sistema de drenagem era insuficiente ou não tinha a manutenção adequada".

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 02/07/2019

Seção: Mercado

Autor:

Título: Após três cortes, Petrobras aumenta preço do diesel em 3,9%

Rio de Janeiro - A Petrobras anunciou nesta segunda-feira (1º) aumento de 3,9%, em média, no preço do óleo diesel vendido por suas refinarias. Foi o primeiro reajuste desde 12 de junho, quando a companhia pôs fim ao prazo mínimo para mudanças no preço do combustível.

Segundo a estatal, o aumento é de R\$ 0,81 por litro. A partir desta terça (2), portanto, o diesel será vendido, em média, a R\$ 1,9854 por litro. O repasse ao consumidor, porém, dependerá de políticas comerciais de distribuidoras e postos.

Segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis), o preço do diesel nas bombas vem caindo há cinco semanas consecutivas, como reflexo de três cortes promovidos pela Petrobras nas refinarias —o último, em junho, foi de 4,6%.

Na média nacional, de acordo com os dados da agência, o litro do óleo diesel foi vendido pelos postos a R\$ 3,570 por litro na semana passada, baixa de 4,4% com relação ao verificado um mês antes. O movimento de queda respondeu a redução nas cotações internacionais do petróleo.

Em 12 de junho, a Petrobras anunciou nova alteração em sua política de preços, eliminando o prazo mínimo de 15 dias para reajustes estabelecido em março, como resposta a crescentes pressões dos caminhoneiros contra aumentos no início do ano.

A empresa considerou que os prazos mínimos prejudicavam sua capacidade de competição em um momento de queda nas cotações internacionais, abrindo janelas de oportunidade para importações por companhias privadas.

O preço da gasolina vendida pela Petrobras permanece inalterado — a alteração mais reajuste ocorreu em 10 de junho, com corte de 3%. Segundo a ANP também nesse caso, o valor de bomba vem registrando constante queda: já são sete semanas de redução. Na semana passada, o preço médio do combustível nos postos brasileiros foi R\$ 4,425 por litro, 2,73% amenos do que um mês antes.

Também nesta segunda, o presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, disse que a companhia mantém o interesse em vender sua fatia na Braskem, mesmo após o fracasso das negociações entre sua sócia Odebrecht e a suíça Lyondell Basell.

Em palestra para empresários no Rio, o presidente da estatal disse que a participação na Braskem "não faz nenhum sentido". A Petrobras tem 36,1% da petroquímica, enquanto a Odebrecht tem 38,3%. Os 25,5% restantes estão nas mãos de minoritários.

A Odebrecht tentou vender sua fatia para a Lyondell Basell, mas as negociações foram suspensas no início de junho.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 02/07/2019

Seção: Colunas

Autor: Daniela Lima

Título: Liquida

Painel

O governador Romeu Zema (MG) indicou ao governo federal que pretende incluir a privatização da Cemig no pacote de obrigações que deve cumprir para aderir ao plano de recuperação fiscal. A venda precisa do aval da Assembleia.

com Mariana Carneiro e Carolina Linhares

VEÍCULO: O Globo

Data: 02/07/2019

Seção: Economia

Autor: RAMONA ORDONEZ

Título: Produção de petróleo e gás no país bate recorde histórico em maio

A produção de petróleo e gás no Brasil atingiu 3,47 milhões de barris de óleo equivalente por dia, um recorde histórico. O melhor resultado anterior foi registrado em dezembro de 2016: 3,43 milhões de barris diários. Conforme

informou o colunista do GLOBO Lauro Jardim em seu blog, a produção no pré-sal, que já alcança 60,7% do total do país, também foi recorde em maio: 2,1 milhões de barris.

Segundo a Agência Nacional de Petróleo (ANP), a produção subiu 4,9% em maio na comparação com abril e 4,7% com o mesmo mês de 2018.

— A produção deve mais que dobrar nos próximos dez anos, e o Brasil pode se tornar um dos cinco maiores produtores de petróleo do mundo no final da próxima década — disse ao GLOBO Décio Oddone, diretor-geral da ANP.

Ontem, em almoço do grupo empresarial Lide, o presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, reafirmou a disposição da estatal de vender ativos para concentrar investimentos na exploração do pré-sal. Ele afirmou que a companhia pretende finalizar em até dois anos a venda de oito refinarias.

A estatal iniciou na semana passada o processo de venda das quatro primeiras. Segundo o executivo, os detalhes das transações das outras quatro saem até o fim deste mês.

Castello Branco reafirmou o interesse da Petrobras em vender sua fatia na Braskem, controlada pela Odebrecht, apesar da desistência da empresa holandesa Lyondell Basell.

O executivo disse que a divulgação de conversas entre o ministro da Justiça, Sérgio Moro, e procuradores da Lava-Jato é uma tentativa de desmoralizar a força-tarefa que descobriu o esquema de corrupção na Petrobras. Segundo ele, a investigação foi "importantíssima" para que a estatal "se livrasse desse passado maldito.

VEÍCULO: O Globo

Data: 02/07/2019

Seção: Economia

Autor: RAMONA ORDONEZ

Título: Furnas vai deixar sede em Botafogo após 48 anos

Para reduzir gastos de aluguel em 50%, geradora deve se transferir para edifício no Centro do Rio

Furnas, uma das principais subsidiárias da Eletrobras e responsável por cerca de 12% do total de energia gerada no país, está de mudança. A empresa vai deixar sua sede no tradicional prédio da Rua Real Grandeza, em Botafogo, na Zona Sul do Rio, onde está há 48 anos.

A diretoria de Furnas aprovou a mudança da sede em reunião no último dia 26 de junho. O objetivo é reduzir em 50% os custos com o aluguel pago à Fundação Real Grandeza, fundo de pensão dos funcionários, dona do imóvel. A companhia não revelou o valor do aluguel.

Assim como as demais subsidiárias da Eletrobras, Furnas vem passando por um rigoroso processo de redução de custos, que contempla a redução de pessoal. Segundo a empresa, os três blocos da atual sede têm capacidade para abrigar 6 mil funcionários, mas apenas 1.500 empregados trabalham no local atualmente.

A mudança da sede será agora analisada pelo Conselho de Administração de Furnas ainda neste mês.

Segundo uma fonte, o novo endereço ficará no Centro do Rio. A empresa, no entanto, informou em nota que ainda não foi escolhido o local para a nova sede, mas garantiu que ficará "próximo ao centro de transporte do município". Furnas explicou ainda que as futuras instalações atenderão às suas necessidades de ter um layout inteligente. O novo endereço e o cronograma da mudança serão anunciados após a aprovação do conselho.

A Fundação Real Grandeza disse ter sido informada da saída de Furnas e que contrata consultoria para avaliar as melhores opções no mercado. Ressaltou que o prédio representa 2,7% do patrimônio do fundo, e que a mudança não afetará seus resultados.

VEÍCULO: O Globo

Data: 02/07/2019

Seção: O País

Autor: NAIRA TRINDADE BRASÍLIA

Título: Relatório de CPI vai pedir o indiciamento da Vale e Tüv Süd

Texto acusará mineradora de omissão e de ter operado com "risco proibido"

Cinco meses após o rompimento da Barragem de Brumadinho, que deixou ao menos 246 mortos e 24 desaparecidos, o relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Senado vai acusar a Vale de omissão e dizer que a empresa operou no campo do "risco proibido". Em seu parecer, o relator, senador Carlos Viana (PSD-MG), vai pedir o indiciamento da Vale, da empresa alemã Tüv Süd, que atestou a estabilidade do muro de contenção de rejeitos, e de 14 mais funcionários das duas companhias por homicídio culposo e crime ambiental.

No parecer que será apresentado à comissão hoje, ao qual o GLOBO teve acesso, o relator concluiu que "diretores, gerentes e funcionários da empresa operavam dentro do campo do risco proibido, ou seja, aquele que expõe bens

jurídicos (vida, patrimônio, meio ambiente) a perigo concreto". Carlos Viana disse ainda "ter a certeza de que a Vale detinha de informações sobre o risco do rompimento".

— Ficou muito claro nos dois anos de quebra de sigilo de e-mails que a empresa detinha informações e foi omissa —disse o relator ao GLOBO.

No texto, pede-se o indiciamento da Vale e da Tüv Süd por "crime culposos de destruição de flora de preservação permanente e de mata atlântica e de poluição, que provoca mortandade de fauna e flora, com inviabilização de área para ocupação humana, combinados com responsabilidade penal de pessoa jurídica". Já para os 12 funcionários da Vale e dois da Tüv Süd, Viana pede indiciamento por homicídio culposos, lesão corporal culposa e também pelos crimes de destruição da flora.

No documento de 395 páginas, o relator chamou a atenção para troca de e-mails entre funcionários da Vale e da empresa de auditoria Tüv-Süd onde eram promovidas alterações no conteúdo antes que fossem formalmente apresentados à Vale e à Agência Nacional de Mineração (ANM). "Como fica a credibilidade dos resultados? Sempre que não passar, a Vale vai envolver uma outra empresa até ter um resultado benéfico pra ela?", questionou um dos funcionários da Tüv- Süd à mineradora.

APOIO DE ALCOLUMBRE

O relator identificou haver claro conflito de interesse entre as duas empresas e acusou a companhia alemã de alterar o conteúdo até isentar a Vale de responsabilidades. Com base nisso, o relator propõe —em um dos três projetos de lei que serão apresentados pela comissão — passar para a agência reguladora, ANM, a responsabilidade de contratar as empresas de auditoria externa responsáveis por avaliar as estabilidades das barragens.

Em outro dos projetos propostos está a criação de uma "participação especial" aplicada à receita líquida das mineradoras, com alíquota máxima de 40%, a exemplo do que ocorre com o royalties do petróleo. O entendimento do relator é que, "aplicando-se à tributação do lucro evita-se inviabilizar a atividade do empreendedor, especialmente aqueles de porte médio ou pequeno, que exploram minas menores e de menor qualidade"

Já o terceiro projeto quer acabar com as barragens de rejeitos em operação em um prazo máximo de dez anos.

As que estão inativas teriam prazo de apenas cinco anos.

— Estamos com total apoio do presidente do Senado, Davi Alcolumbre, para que esses projetos sejam analisados de forma mais rápida possível — disse Viana.

Procurada, a Vale informou que "vai aguardar o relatório ser comunicado oficialmente para se pronunciar". Já a Tüv-Süd não retornou às ligações.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 02/07/2019

Seção: Economia

Autor: Paula Pacheco

Título: Furnas não quer mais pagar a conta de luz

São Paulo — Furnas confirmou ontem a assinatura do contrato para a construção de suas primeiras usinas solares (ou fotovoltaicas). Será a primeira vez que a companhia entrará no chamado autoconsumo remoto de geração distribuída — essa energia será para consumo próprio. O projeto contará com três usinas fotovoltaicas de potencial nominal de 1MW cada. Elas são construídas em áreas próxima à UHE Anta, no rio Paraíba do Sul – divisa entre Minas Gerais e Rio de Janeiro.

O objetivo do projeto é reduzir em aproximadamente 40% os gastos anuais com energia elétrica no escritório central da companhia, no Bairro de Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro. Esta é a maior conta de energia entre todas as operações da companhia. Serão pelo menos nove meses até o projeto estar completamente implantado. Segundo cálculos da companhia, o início da geração comercial deve acontecer ainda no primeiro trimestre de 2020.

Retorno Rápido

As usinas de energia solar serão instaladas em uma área que faz parte da concessão da Light. Como o custo de conexão entre o parque solar e a Light é baixo, a expectativa é de um retorno rápido. O investimento será de R\$ 11,160 milhões e cálculos apontam que esse recurso estará pago depois de cinco anos de operação da nova modalidade de produção de energia.

Mas o plano de Furnas é bem mais ambicioso do que o anunciado ontem, como conta Rodrigo Calixto, superintendente de empreendimentos de geração de Furnas. Segundo Calixto, o objetivo é ampliar o projeto de geração de energia solar para atender a outras áreas de Furnas. “Já temos um projeto para uma segunda planta no interior do Rio de Janeiro, em uma área de atuação da Enel. Depois a ideia é expandir a geração fotovoltaica para Minas Gerais, São Paulo e demais áreas onde atuamos. Queremos zerar a conta de luz nas unidades de

Furnas”, explica o executivo.

Projetos estaduais

Para zerar toda a conta no escritório central, seria necessário produzir entre 8MW e 9MW. Mas para alcançar o objetivo de abranger toda a operação, será necessário produzir entre 13MW e 14MW, incluindo as concessionárias. A estratégia da companhia é fazer projetos específicos de geração de energia fotovoltaica para cada estado onde Furnas está presente. “Dependendo das aprovações, esperamos que nos próximos dois a três anos estejamos com as contas de energia zeradas”, afirma Calixto.

Apesar de a área de abrangência de Furnas ser grande, o executivo garante que há dinheiro em caixa para tirar os projetos do papel. Isso porque, segundo ele, o investimento em cada unidade fotovoltaica não é tão elevado.

Em estudo

Atualmente, há três estudos em andamento para se verificar a viabilidade dos projetos de energia fotovoltaica. Em uma etapa seguinte, será preciso ter a aprovação para execução entre Furnas e Eletrobras. O início da construção está previsto para acontecer a partir de 2021, segundo o desenho feito para o projeto. “Estamos iniciando com uma usina pequena, mas é uma experiência nova, um piloto muito importante para balizar o que virá por aí”, conta o executivo.

Calixto explica a razão de Furnas ter decidido agora se aproximar da geração fotovoltaica. Segundo ele, essa foi uma forma de ganhar experiência em uma modalidade onde a companhia ainda não atua. “Historicamente, atuamos com hidrelétricas e já tivemos experiência em eólicas. Agora, o futuro sinaliza que boa parte da expansão do setor elétrico vai ser por meio da energia solar. Os planos decenais indicam essa tendência e os leilões têm registrado um grande número de projetos inscritos de energia fotovoltaica”, detalha.

No entanto, o executivo pondera que a energia fotovoltaica não está na base do negócio, mas se posiciona como uma fonte complementar.

Consórcio responsável

A obra desse primeiro projeto será executada pelo consórcio Kyo-Green, do qual fazem parte a Kyoservice e a Solergy. A licitação foi vencida com um deságio de cerca de 20% em relação ao valor orçado. Esse projeto foi a primeira concorrência de Furnas segundo o modelo de contratação integrada, prevista na Lei nº13.303/2016. Segundo o texto, o consórcio vencedor será responsável

pela execução completa, desde a fase de projeto básico até o término da obra e início da operação comercial.

Furnas é uma empresa de economia mista federal, tem capital fechado e seu controle está nas mãos da Eletrobras. Sua atuação se divide entre geração, transmissão e comercialização de energia elétrica. Hoje, a companhia atua em 16 estados e no Distrito Federal. Seu sistema é composto por 21 usinas hidrelétricas e duas termelétricas — próprias e em parceria com outras empresas. Ao todo, sua operação conta com cerca de 29 mil quilômetros de linhas de transmissão e 75 subestações.

Eólica avança aos poucos

Além da produção fotovoltaica, Furnas está investindo na área de energia eólica. Em maio do ano passado, a Brasil Ventos, subsidiária de Furnas, assinou um contrato com a empresa germânico-espanhola Nordex-Acciona, vencedora da concorrência pública para o Complexo Eólico de Fortim, no Ceará.

O parque eólico terá uma potência instalada de 123MW e a previsão é de que o início da operação comercial aconteça ainda neste ano, provavelmente em novembro. Segundo Calixto, os projetos em carteira somam de 400MW a 500MW. Furnas, diz o superintendente de empreendimentos de geração, Rodrigo Calixto, tem outros projetos na área de eólica, mas ainda em avaliação.

O contrato com a Nordex-Acciona é de R\$ 450 milhões e prevê a duração de cinco anos e inclui produção, testes na unidade, transporte, seguros, montagem e comissionamento de aerogeradores e sistemas associados, além de operação e manutenção.

O Complexo Eólico Fortim deveria estar em operação há cerca de três anos, conforme previa o leilão realizado em 2011. As turbinas eólicas seriam contratadas junto à empresa argentina Impsa, mas foi necessário rever todo o negócio depois de a fornecedora entrar em processo de recuperação judicial.

Segundo o projeto, o Complexo Eólico Fortim está previsto para ocupar uma área de cerca de 2.365 hectares. A média da velocidade do vento, entre 6,60m/s e 8,10m/s, ao longo do ano, é considerada boa. Quando estiver concluído, ele será composto por cinco parques, com um total de 72 aerogeradores e 115,2MW de potência nominal.

Em outra frente de trabalho, o Laboratório de Aerodinâmica Aplicada de Furnas, instalado em Aparecida de Goiânia (GO), vem desenvolvendo um projeto para a

construção de torres eólicas. Com as pesquisas, o objetivo é instalar torres eólicas mais baixas, com geradores de menor porte, que servirão para abastecer de energia regiões afastadas do país.

MME / ASCOM .